

Todas as seções

< Home

Entrevistas

Semana da Memória Ancestral: a universidade como espaço de reparação, escuta e transformação

11 de maio de 2026 as 06:30



Padre Miguel, com os professores Valéria e Amaro, estão à frente da Semana de Memória Ancestral (Foto: Patrick Mattos / Comunicar)

Vice-Reitor Padre Miguel e os professores Valéria Bastos e Amaro Marques destacam os impactos da iniciativa na cultura institucional da PUC-Rio

Relacionados

NAI da PUC-Rio recebe moção da OAB/RJ por atuação em inclusão e acolhimento estudantil

NAI é homenageado pela OAB/RJ por atuação em inclusão e acolhimento

Novo diretor de Planejamento e Organização projeta o futuro do campus

‘A missão principal é

ajudaram a construir a sociedade brasileira e a própria Universidade. A programação propõe debates sobre memória, ancestralidade, racismo estrutural, inclusão e reparação histórica, reunindo diferentes áreas do conhecimento em atividades acadêmicas, culturais e formativas. Em entrevista ao PUC Urgente, o Vice-Reitor Padre Miguel, SJ, a professora Valéria Bastos (Serviço Social) e o professor Amaro Marques (Arquitetura) refletem sobre a importância de ampliar espaços de escuta, fortalecer políticas de permanência e reconhecer a contribuição de povos negros, indígenas e comunidades historicamente silenciadas dentro do ambiente universitário. Os entrevistados também destacam o papel da Universidade na construção de uma cultura institucional mais diversa, inclusiva e comprometida com a transformação social. A programação completa da Semana da Memória



PUC
UrgenteJornal da
PUCRádio
PUCTV PUC
-RioAgência de
Publicidade

Semana da Memória

Ancestral dentro do contexto universitário?

Padre Miguel: A Semana da Memória Ancestral nasce como um espaço de reconhecimento, escuta e valorização das histórias, culturas e espiritualidades que constituem a formação do povo brasileiro e da própria universidade. Ao instituir oficialmente o 13 de maio como Dia da Memória Ancestral, a PUC-Rio, como universidade comunitária, assume o compromisso de ressignificar uma data historicamente marcada por ambiguidades, deslocando o foco de uma narrativa centrada apenas na abolição formal da escravidão para a valorização da resistência, da dignidade e da contribuição do povo negro e dos povos originários na construção da sociedade brasileira.

Dentro do contexto universitário, o principal objetivo da Semana é promover uma cultura institucional de memória, justiça e reparação, favorecendo reflexões sobre

intercultural, produção de conhecimento comprometido com os direitos humanos e promoção da dignidade humana.

Além disso, a Semana busca integrar ensino, pesquisa, extensão e espiritualidade, estimulando a comunidade acadêmica a reconhecer a ancestralidade não apenas como memória do passado, mas como presença viva que continua inspirando identidades, saberes, formas de resistência e projetos de futuro.

Por que é importante discutir o tema no ambiente acadêmico?

Valéria Bastos: Acredita-se que, desde sempre, deveríamos trazer para o centro do debate a relevância da memória e ancestralidade no ambiente acadêmico, considerando as consequências deixadas pelos anos de escravização praticados no Brasil. Hoje se torna fundamental envolver a universidade, não apenas

reconhecimento histórico marcado por um contexto de profundas desigualdades sociais, raciais, culturais e territoriais, para que seja possível avançarmos na recuperação de trajetórias historicamente negadas, bem como combater narrativas únicas sobre a formação social brasileira. Com isso, penso que se possibilita questionar quais as histórias foram legitimadas, quais saberes foram silenciados e quem foi autorizado a falar em nome da ciência. Entendo que a formação universitária brasileira foi estruturada, durante muito tempo, sob bases eurocêntricas, valorizando determinados referenciais teóricos e invisibilizando contribuições de povos indígenas, populações negras, comunidades tradicionais, mulheres e sujeitos periféricos. Trazer como um marcador a relevância da memória e ancestralidade é enfrentar esse processo de esquecimento institucionalizado.



Padre Miguel: A Igreja e a Universidade possuem uma responsabilidade comum na promoção da dignidade humana, da justiça social e da cultura do encontro. Quando caminham juntas, podem contribuir significativamente para o resgate da memória ancestral por meio da escuta das vozes historicamente silenciadas, da valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas e da promoção de práticas educativas comprometidas com a inclusão e a reparação histórica.



A Universidade oferece o espaço crítico da pesquisa, da reflexão acadêmica e da formação cidadã. Já a Igreja, especialmente à luz do Evangelho e do magistério recente do Papa Francisco e do Papa Leão XIV, é chamada a promover uma espiritualidade da fraternidade, da reconciliação e da valorização dos povos e culturas. Essa parceria pode favorecer iniciativas interdisciplinares, atividades culturais, ações pastorais,



Mais do que recordar o passado, trata-se de construir uma memória reconciliada e transformadora, capaz de gerar compromisso ético com uma sociedade menos desigual e mais humana. Nesse sentido, memória ancestral também significa reconhecer a presença e a contribuição daqueles e daquelas que, mesmo marcados pela exclusão, ajudaram a construir a identidade do país e da própria universidade.



Como a Universidade tem incorporado pautas raciais e históricas em suas ações institucionais?

Valéria Bastos: Eu tenho a formação universitária marcada pelo século passado, nos anos 1980. Sou uma mulher negra e identifico a incorporação de pautas raciais e históricas pelas universidades, na atualidade, evidenciada em alguns níveis, a saber: área do acesso, em algumas áreas também voltadas para permanência, e, em menor escala, no



e o que considero importante é um processo que busque produzir uma reconfiguração do projeto universitário diante das desigualdades históricas brasileiras.

De que forma a arquitetura e o urbanismo podem preservar ou apagar memórias ancestrais?

Amaro Marques: A arquitetura e o urbanismo, como os outros campos do saber, não são neutros. Nessa medida, a arquitetura pode apagar ou exaltar determinadas identidades culturais e artísticas. Por exemplo, nas diversas reformas urbanas realizadas na cidade do Rio de Janeiro, quanto foi apagada a presença dos povos originários e dos negros em diáspora? Como os diversos processos higienistas e de gentrificação incidem, desde o século XIX, na região conhecida como Pequena África, e como esse território é disputado pelo mercado imobiliário? Portanto, é possível preservar ou apagar e, muitas vezes, não contar de



Como a universidade pode
estimular projetos que
valorizem territórios de
memória ancestral?

Amaro Marques: Estamos em
um momento interessante na
Universidade. Nas últimas
décadas, houve um
crescimento no interesse por
temáticas emergentes –
como as questões das
minorias étnicas, dos povos
originários e da diáspora
africana –, fazendo com que
esses territórios passassem a
ser mais valorizados. Além
disso, muitos pesquisadores
têm rompido com a lógica de
pesquisar sobre uma
determinada comunidade,
passando a construir a
pesquisa junto a ela. Para
estimular isso, precisamos de
mais linhas de financiamento
e de bolsas para esse tipo de
investigação, bem como de
incentivo para a publicação
de livros e outras produções
que divulguem os resultados
desses trabalhos.

Como a oficina de letramento
racial pode impactar a
formação dos alunos?

Valéria Bastos: É uma das

docentes, porque ela não atua apenas no nível da informação, mas no nível da consciência crítica, da postura ética e da competência profissional diante das desigualdades raciais. Facilita a compreensão de que o racismo é um fenômeno histórico, institucional e socialmente produzido.

Quais os principais desafios enfrentados no combate ao racismo estrutural nas universidades?

Amaro Marques: Em linhas gerais, temos ainda a dificuldade de acesso e de permanência. Estamos falando de alunos que precisam não só de auxílio para transporte, alimentação e moradia, mas também de recursos para a compra de livros ou de um computador, por exemplo. Também precisamos continuar avançando no quesito da diversidade étnica em relação aos docentes e aos cargos de gestão.

Que mudanças concretas a Semana da Memória

permanentes na cultura institucional da universidade. Mais do que um conjunto de atividades pontuais, o desejo é que ela fortaleça processos contínuos de conscientização, diálogo e transformação.

Entre as mudanças concretas esperadas, está o aprofundamento de políticas institucionais de inclusão, permanência e valorização da diversidade étnico-racial; o fortalecimento de pesquisas e projetos ligados às questões afro-brasileiras, indígenas e ancestrais; e a ampliação de espaços de escuta e participação dentro da comunidade universitária.

Também esperamos que a Semana contribua para sensibilizar estudantes, professores e colaboradores para a importância da memória histórica e para o enfrentamento do racismo em suas diferentes formas. A universidade é chamada a formar não apenas profissionais competentes, mas cidadãos comprometidos com a

PUC
UrgenteJornal da
PUCRádio
PUCTV PUC
-RioAgência de
Publicidade

Memória Ancestral se

consolide como dimensão constitutiva da identidade da PUC-Rio, inspirando práticas acadêmicas, culturais, pastorais e institucionais que reconheçam a riqueza da pluralidade humana e promovam uma convivência mais solidária, respeitosa e verdadeiramente inclusiva.

Valéria Bastos: Nossa

expectativa e desejo maior é de que a Semana produza na consciência da comunidade acadêmica, sobretudo nos docentes e discentes, a consciência de incorporação efetiva de produções intelectuais negras, indígenas e latino-americanas que, muitas vezes, permaneceram invisibilizadas. O objetivo é estimular para que revisitem conteúdos, metodologias e referências teóricas, em busca de maior reconhecimento da memória e das identidades presentes na comunidade acadêmica, intensificando, assim, as reflexões sobre memória ancestral.

Espera-se ainda que possa ampliar o sentimento de

subalternizados. Além disso, reconhecer trajetórias, histórias de resistência e heranças culturais significa também legitimar a presença desses sujeitos na Universidade como produtores de conhecimento. Que seja um incentivo à criação de práticas institucionais permanentes. Enfim, o que se deseja é que a Semana seja disparadora de ações continuadas: grupos de estudo, projetos de extensão, políticas de acolhimento e permanência, formação docente, revisão de protocolos e ampliação de espaços de escuta e denúncia. Entende-se e intenciona-se que o debate não se encerre na programação, mas reverbere em medidas efetivas. Amaro Marques: Este é um momento de profunda reflexão, mas também de luta. As mudanças devem caminhar no sentido de uma maior presença e participação das minorias étnicas em todos os espaços da universidade, para que o nosso campus se torne cada



PUC
UrgenteJornal da
PUCRádio
PUCTV PUC
-RioAgência de
Publicidade

ampliadas. Em algum momento, também precisaremos conversar sobre reparação histórica, bem como sobre a ampliação das políticas de cotas. Enfim, o caminho ainda é longo para que possamos falar minimamente em igualdade racial.

Share
this...

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea - Rio de Janeiro, RJ - Brasil | Cep: 22451-900 - Cx. Postal 10097

Tels: (55 21) 3736-1001 / 3527-1001 | Atendimento |
| Privacidade e Proteção de Dados Pessoais |

PUC-RIO © 1992 - 2026. 34 anos na WEB - Todos os direitos reservados.